

Algumas ideias de Montaigne sobre *Irmão do Jorel*: filosofia, educação e animação

Heraldo Aparecido Silva
Tainyt Barbosa Viégas de Carvalho
Felipe Pereira da Silva

Resumo: Inicialmente, este trabalho descreve a animação brasileira *Irmão do Jorel* e apresenta alguns aspectos da vida e obra do filósofo francês Michel de Montaigne. Posteriormente, por meio de comentários acerca de alguns textos componentes da obra *Ensaíos*, do referido filósofo, aliado ao estudo de pesquisas bibliográficas secundárias, é feita uma análise de determinados episódios da referida série animada. Finalmente, o trabalho evidencia que a articulação entre as contundentes críticas de Montaigne contra a educação tradicionalista e os costumes de sua época e a animação *Irmão do Jorel* enfatiza a relevância dessa discussão a partir de um contexto atual de intersemiose.

Palavras-chave: Irmão do Jorel. Animação. Montaigne. Filosofia. Educação.

Some ideas from Montaigne about Jorel's Brother: philosophy, education and animation

Tainyt Barbosa Viégas de Carvalho. Acadêmica de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Piauí - UFPI. Bacharel em Turismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA (2008). E-mail: tainyt@hotmail.com

Felipe Pereira da Silva. Acadêmico de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: fe.pereira92@gmail.com

Heraldo Aparecido Silva. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. Professor Associado da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Abstract: Initially, this work describes the Brazilian animation *Jorel's Brother* and presents some aspects of the life and work of the French philosopher Michel de Montaigne. Subsequently, by commenting on some of the component texts of *Essays*, by that philosopher, allied to the study of secondary bibliographical research, an analysis of certain episodes of that animated series is made. Finally, the work shows that the articulation between Montaigne's scathing criticisms of traditionalist education and the customs of his time and the animation *Jorel's Brother* emphasizes the relevance of this discussion from a current context of intersemiosis.

Keywords: *Jorel's Brother*. Animated series. Montaigne. Philosophy. Education.

Introdução

Assim como Montaigne acreditava, podemos sustentar que a filosofia tem um papel relevante para o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo das pessoas, de modo que elas possam integrá-lo às suas vidas. Nessa linha interpretativa, o filósofo cético acreditava que a excessiva erudição da educação aristocrática burguesa europeia – justamente aquela recebida por ele, a educação humanística, voltada para as abstrações teóricas – de nada servia à vida prática cotidiana das pessoas, não as tornava mais felizes; pelo contrário, tornava-as mais arrogantes, embrutecidas, impotentes, enfim.

Com a intenção de retomar importantes elucubrações referentes ao campo das relações humanas, escolhemos tratar sobre as ideias de um filósofo peculiarmente crítico de seu próprio tempo, avesso aos hábitos pedagógicos dominantes e, por conveniência, liberto das convenções sociais que permeavam a sociedade em que vivia. Todavia, este trato se dará no âmbito contemporâneo e alternativo de uma seriação animada. Para tanto, analisaremos alguns interes-

santes episódios da série animada brasileira *Irmão do Jorel*, cujos episódios foram originalmente transmitidos pelo canal de televisão *Cartoon Network*, à luz da obra *Ensaaios*, de Montaigne.

Sobre a animação *Irmão do Jorel*

Idealizada por Juliano Enrico, co-produzida pela TV Quase, *Cartoon Network Brasil* e Copa Studio, “Irmão do Jorel” é uma série animada brasileira onde o protagonista tem como apelido o nome da série. A trama gira em torno da família excêntrica e extravagante de Irmão do Jorel, formada por suas avós Gigi e Juju; seus pais, seu Edson e dona Danuza; e seus irmãos, Nico e Jorel. Seu nome não é revelado na série, sempre que alguém vai dizê-lo a cena é cortada ou algum personagem interrompe o momento. Jorel, seu irmão, por ser bastante popular, ofusca-o, fazendo com que todas as outras pessoas, com exceção de sua família, desconheçam seu verdadeiro nome.

O caçula anônimo é uma criança comum que sempre fica atrás da popularidade dos seus irmãos. Ele tenta ser reconhecido como um membro responsável e confiável de sua família (pode-se perceber isso em “O Fenomenal Capacete com Rodinhas” e “Gangorras da Revolução”, episódios um e dois da primeira temporada). Irmão do Jorel estuda na escola *Pônei Encantado* junto com sua melhor amiga, Lara, e seu interesse amoroso, Ana Catarina. A série estreou em setembro de 2014 e, até o momento, conta com 78 episódios divididos em três temporadas, com tempo de duração de onze minutos cada. Neste ano de 2019 ganhou o Prêmio Quirino de melhor animação ibero-americana (MARQUES, 2019).

Sobre o filósofo renascentista Montaigne

Michel de Montaigne nasceu em 1533 perto de Bordeaux, sudoeste francês. Educado em casa por um preceptor de pedagogia erudita humanística, foi alfabetizado em latim, logo se formou em direito e muito jovem passou a magistrado. Entre 1557 a 1570, foi Conselheiro do Parlamento de Bordeaux, onde conheceu seu grande amigo, o poeta e pensador Étienne de La Boétie. A morte precoce de Boétie, aos 33 anos, abalou Montaigne, fato que o ajudou a abandonar a função social que exercia e a isolar-se das outras pessoas depois da morte de seu pai. Neste período dedicou-se à escrita dos textos que compõem sua grande obra *Os Ensaíos* (NOVA ESCOLA, 2008).

Sua obra-prima surgiu após 20 anos de reflexão, em particular sobre si mesmo. Temas que ainda hoje são pertinentes, como a educação das crianças até a preparação para a morte, nela são abordados. Abuso da autoridade, violência, longa jornada escolar, os castigos e a postura dos pais em algumas situações, também foram temáticas sobre as quais o autor também empenhou suas críticas. Durante sua escrita, Montaigne fez diversas viagens pela Europa; essas, por sua vez, foram essenciais para o desenvolvimento de sua obra. Destacam-se como influências filosóficas principais o estoicismo e o ceticismo.

A conjuntura geral em que viveu Montaigne soma algumas situações de fato significativas, são elas: o ponto de inflexão entre Idade Média e Idade Moderna, a descoberta do novo mundo, a crise educacional renascentista. Após guerrear por 100 anos com a Inglaterra, o país natal do filósofo passara por uma reconsolidação de seu Estado soberano, fortalecendo os ares de erudição burguesa em de-

trimento da autoridade medieval. O *ethos* guerreiro da Idade Média estava sendo substituído por valores de excelência moral, e a erudição fazia parte deste conjunto de hábitos fundamentais que exprimiam a atual cultura humanística. Ao assumir a função de magistrado no conselho parlamentar de Bordeaux, por treze anos analisa testemunhos, suspeitos e defesas; com isso angaria matéria robusta para suas futuras reflexões, manifestas em *Os Ensaio*s, escrita que inaugura o gênero narrativo de mesmo nome (ARAÚJO, 20019).

Acerca desse tipo de recurso, resguardadas as devidas proporções, podemos compreender que o relativismo cultural praticado pela perspectiva montaigniana é devidamente ilustrado pelo temor mútuo entre as duas espécies retratadas na cena mencionada. Tanto os humanos e quanto os tubarões, sem saber, compartilham do mesmo pensamento sobre o outro. Isto é, cada espécie representada na cena vê a si mesma como mais evoluída ou superior e a outra como bárbara inferior (Ep. 28, *Fluffy, O Golfinho Assassino*).

Também é interessante notar que no mencionado episódio, temos uma situação comum vivenciada inadvertidamente pelas duas espécies: a educação compartilhada entre pais (ou responsáveis) e filhos. No caso, temos o Sr. Edson (pai do Irmão do Jorel), explicando para seu filho que os tubarões são apenas animais desprovidos de consciência; e, também, temos um tubarão adulto que responde ao seu filho que os humanos são apenas animais destituídos de consciência (Ep. 28, *Fluffy, O Golfinho Assassino*). Tal cena, remete à advertência que o filósofo cético faz no ensaio *Sobre a afeição dos pais pelos filhos*, no qual alega não considerar razoável que os próprios pais sejam os tutores dos filhos. Para ele, preceptores teriam menos chance de incorrer em erros formativos do que os pais porque, geralmente, os familiares não conseguem agir com a severidade e ternura adequadas

para corrigir as falhas das crianças. Tal equívoco faz com os filhos e filhas sejam paparicados, algo que gera consequências terríveis para a vida adulta, principalmente no que se refere a falta de independência moral e intelectual (MONTAIGNE, 2010).

No entanto, a educação do século XVI encontrava-se voltada para o mestre, para o conhecimento pelo próprio conhecimento, sem qualquer aplicação prática ou relação com quem reproduzia o conteúdo transmitido. Contrariamente a isso, em *Da educação das crianças*, temos a seguinte recomendação:

[...] e que julgue o proveito que a criança terá tirado, não pelo testemunho de sua memória, mas pelo de sua vida. Que a faça mostrar com cem feições diferentes o que tiver acabado de aprender, adaptando-o a outros tantos diversos assuntos para ver se aprendeu realmente e assimilou, avaliando sua progressão [...]. Regurgitar a comida tal como a engolimos é sinal de sua crueza e de indigestão: o estômago não fez seu trabalho se não mudou o estado e a forma do que lhe foi dado a digerir [...] (MONTAIGNE, 2010, p. 92).

Dessa maneira, com a finalidade de afirmar a singularidade de cada pessoa, não obstante sob a peculiaridade de todas suas limitações, Montaigne escreve em *Sobre o Arrependimento*, que em sua própria vida, seus saberes e experiências constituem registros de ocorrências mutáveis e, por vezes, contraditórias: “Não extirpamos essas maneiras originais, mas as cobrimos, escondemos” (MONTAIGNE, 2010, p. 354). Apesar da necessidade de manutenção de pontos de partida como origem para críticas e julgamentos, a mera mimetização pedante, de caráter racionalizante, sustentada pelos professores moderno-renascentistas, não era recomendável para quem buscava a autonomia intelectual, conforme propunha o filósofo francês.

Explicando Irmão do Jorel a partir de uma perspectiva montaigniana

Do outro lado do Oceano Atlântico, a descoberta do novo mundo levou ao pensador imagens reveladoras sobre o encontro entre a Guarda de Cristóvão Colombo e os nativos da terra prometida. Como mostra o filósofo inglês Alain de Botton (2015), em episódio lançado em seu canal do *Youtube*, denominado *Um guia para a felicidade – Montaigne e autoestima*, os nativos eram tratados com uma crueldade inimaginável. Durante os 60 anos de vida de Montaigne, nativos foram dizimados; em números, saltaram de oitenta milhões para dez milhões. Em *Sobre os canibais*, Montaigne relata que após conhecer alguns índios tupinambás que foram levados à corte do rei Carlos IX, ponderou que, embora fossem canibais, não havia barbaridade na forma coesa mediante a qual integravam a sua própria comunidade nativa. Para o filósofo, havia mais selvageria nas guerras sanguinárias levadas a cabo pelos europeus em nome da religiosidade do que nos supostos selvagens (NOVA ESCOLA, 2008). Nesse contexto, destacamos um exemplo do tipo de pensamento crítico usado pelo filósofo francês para relativizar pontos de vista contrastantes: “[...] existe algum troféu atribuído aos vencedores que não seja mais devido a esses vencidos? A verdadeira vitória reside no combate, não na salvação, e a honra da virtude consiste em combater, não em abater” (MONTAIGNE, 2010, p. 154).

Para ilustrar melhor esse tipo de recurso argumentativo, destacamos a seguinte cena extraída do episódio 28, intitulado “*Fluffy, O Golfinho Assassino*”, da segunda temporada de *Irmão do Jorel*:



Figura 1 - Irmão do Jorel, Ep. 28 – 2ª. Temp., 2016

Montaigne (2010), em seus escritos, deixou registrado pensamentos que ultrapassaram os séculos. É um crítico e exímio julgador de si, de suas experiências, das leituras frequentemente intensas das quais fez um hábito; e de tudo aquilo que percebia a seu redor. No texto *Sobre a educação das crianças*, seu ensaio mais extenso, ele critica a pedagogia vigente na época, centrada no louvor à razão e que demonstra, conforme sugere o autor, ser por vezes insuficiente para a compreensão acerca da diversidade e complexidade das relações humanas. Dessa forma, ele desconsidera o argumento da

simples autoridade porque a educação não deve ser exclusivamente voltada ao livro, ou ser puramente abstrata, em detrimento do aluno e do desenvolvimento das práticas ligadas aos hábitos cotidianos básicos (THEOBALDO, 2010). O filósofo afirma:

[...] incômoda competência, a competência puramente livresca! Espero que ela sirva de ornamento, não de fundamento, seguindo a opinião de Platão, que diz, a firmeza, a fé, a sinceridade são a verdadeira filosofia; as outras ciências, e que visam a outros elementos, são apenas artifícios (MONTAIGNE, 2010, p. 94).

A respeito disso, Montaigne (2010) crítica um costume antigo verificado em várias culturas e épocas que consiste em descrever como *bárbaro* tudo aquilo que não é praticado na sua terra natal ou que, simplesmente, não é compreendido. Para sanar este problema, ele sugere que façamos tantas viagens quanto possíveis, para que possamos compreender melhor a diversidade humana, dado que somos extremamente limitados intelectualmente. Assim, o filósofo assume uma postura ativa em relação à ignorância humana.

O episódio de número 35, do seriado infantil a ser analisado, se chama “Então é Natal” e foi exibido originalmente em dezembro do ano de 2016, na segunda temporada. O capítulo trata do Natal ou Dia de Natal, um feriado religioso celebrado anualmente em 25 de dezembro, por diferentes doutrinas em vários países. Mostra cenas padrões de um Natal comum no imaginário de todos em que geralmente famílias se reúnem para comemorar e refletir sobre as coisas boas que aconteceram durante o ano, ritual que inclui o chamado espírito natalino e que, conseqüentemente, inspira a confraternização entre amigos e familiares (Ep. 35, *Então é Natal*).

No episódio, o Sr. Edson (pai do Irmão do Jorel) aparece querendo transmitir este espírito natalino, uma vez que entende sê-lo amor e carinho; seus filhos, inclusive Irmão do Jorel, desejam ganhar presentes e ver o papai Noel. Mesmo assim, Edson insiste na tentativa de falar a respeito da não existência do referido velhinho, quando é interrompido por Naldinho (tio do Irmão do Jorel), fantasiado justamente dele, do Papai Noel, trazendo presentes e ilusões em sua sacola vermelha. É então que claramente Edson se irrita com Naldinho por enganar as crianças daquela forma, tão leviana. Todavia, Naldinho continua com a farsa e Edson fica cada vez mais injuriado pela situação à qual seus filhos estavam sendo conduzidos, um caminho de crenças fraudulentas e cheio de engodos (Ep. 35, *Então é Natal*). A seguir, imagem do Sr. Edson compartilhando o espírito natalino com seus filhos:



Figura 2 - Irmão do Jorel, Ep. 35 – 2ª. Temp., 2016

Enfim, chega o momento em que Sr. Edson obriga o falso Papai Noel (o tio) a falar a verdade; contudo, não consegue fazê-lo ao ver a felicidade do sobrinho mais novo (Irmão do Jorel), decidindo, então, manter a mentira. Daí em diante a trama toma maiores proporções, Irmão do Jorel, acreditando em seu tio, conta a história para seus amigos, cria um alvoroço, e todos passam a querer conhecer Papai Noel e receber presentes dele. Naldinho (tio), personificação da pessoa sem escrúpulos, continua com a mentira, mas, agora com o coração enternecido, tem como principal intenção fazer as crianças felizes, pois, acredita que, se contasse sobre a inexistência do Papai Noel, as decepçionaria muito, incluindo Irmão do Jorel, seu sobrinho (Ep. 35, *Então é Natal*).

Atendo-se a esta verve, lembramos que a partir do que Montaigne (2010) registra em *Sobre a Educação das Crianças*, o Sr. Edson estaria coberto de razão ao desejar falar a verdade sobre a lenda que perpassa a existência de Papai Noel (Ep. 35, *Então é Natal*). Tal asserção é devida ao fato de que no referido ensaio montaigniano, temos a informação que o excesso de zelo e de afeição natural por parte dos pais seria prejudicial, visto que blindaria as crianças de uma preparação justa para as intempéries da vida.

No episódio número 61, “Seja Brócolis”, ganhador do Prêmio Quirino de animação, Irmão do Jorel, personagem principal da trama, mais uma vez é castigado pelo seu comportamento criativo e autêntico. Na ocasião, ao realizar o trabalho de classe de Educação Artística, ele faz uso de sua imaginação fértil, o que o leva a ser “[...] punido com cultura, cultura é seu castigo por não ter cultura, Irmão do Jorel!”, diz a diretora Lola da creche-escola *Pônei Encantado*; o que faz Irmão do Jorel desesperadamente responder: “Não! Tudo, menos isso!” (Ep. 61, *Seja Brócolis*).

A diretora da animação representa um tipo caricatural de pedagoga tradicional, aquela que se importa apenas com o que está sendo copiado no caderno e usa de um tipo de vigília repressora ao extremo, tanto é que em todos os episódios ela aparece de surpresa dizendo a frase: “Não Pode!”. Além disso, ela também possui a temerária percepção de que o conhecimento adquirido pelo raciocínio próprio deve ser substituído por cultura pronta e padronizada (Ep. 61, *Seja Brócolis*).

O episódio é rico em sutilezas críticas que, seguramente, poderia ser apreciado por Montaigne, considerando o que o mesmo escreveu de forma inspirada no ensaio *Sobre a Educação das Crianças*, que: “[...] saber não é saber de cor: é manter o que se entregou à guarda da memória. Quem sabe corretamente dispõe do que sabe, sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para seu livro” (MONTAIGNE, 2010, p. 94).

No referido episódio, Lola leva Irmão do Jorel até a classe de Teatro da escola, lá encontra-se Perdigoto, o antagonista do desenho animado, encarnação do artista pernóstico, vendido ao sistema. Perdigoto fora no passado dupla cênica de Edson, pai do Irmão do Jorel, mas sofrera desilusão e no momento se contenta em comercializar toda sua existência, sempre favorecendo William Shostners, herdeiro da multinacional *Shostners n’ Shostners*, colega de turma do Irmão do Jorel e Ana Catarina, outra personagem que protagoniza o episódio como a Julieta da peça de teatro (Ep. 61, *Seja Brócolis*). Em relação ao *ethos* de comercialização, fortemente presente no século XXI, mas que teve suas origens em séculos passados, Montaigne nos advertiu no:

[...] nessa escola de comércio com os homens, volta e meia reparei nessa perversão de que em vez de aprendermos sobre os outros, só nos empenhamos em ensinar-lhes coisas sobre nós, e preocupamo-nos bem mais em vender nossa mercadoria do que em adquirir novas. - o silêncio e a modéstia são qualidades muito úteis na conversação. - Essa criança será educada para poupar e moderar seu saber, quando o adquirir, para não se melindrar com as tolices e fábulas que serão ditas em sua presença; pois é descortês e inoportuno criticar a si mesmo (MONTAIGNE, 2010, p. 97).

Similarmente, assim também vive o personagem Edson, que mais uma vez apoia seu filho, na tentativa de educá-lo para fazer o melhor que puder dadas as situações que a vida apresenta. Isso porque, como afirma Montaigne (2010), é preciso preparar os filhos não apenas para as aventuras da vida, mas principalmente para as desventuras. Segue a imagem do Irmão do Jorel ensaiando em casa para o seu papel de brócolis:



Figura 3 - Irmão do Jorel, Ep. 61 – 3ª. Temp., 2018

Desta vez, no teatro, Irmão do Jorel vê uma garota muito linda, Ana Catarina, e se anima porque ela vai participar da mesma peça que ele. Ela assume o papel de Julieta, então ele cria expectativas de contracenar como Romeu e logo pergunta para o diretor Perdigoto qual seria seu papel. O diretor diz que ele seria um brócolis. Desolado, ao chegar em casa, sua família o motiva, principalmente seu pai; e no fim de tudo ele acaba sendo o destaque da peça, mesmo fazendo apenas o papel de um brócolis (Ep. 61, *Seja Brócolis*).

Considerações Finais

Apesar deste artigo ter realizado uma abordagem breve e panorâmica sobre apenas alguns textos da densa e meticulosa obra de Montaigne na articulação com um número estrito de episódios, tomados como referência e que não constituem uma amostra suficientemente significativa em relação às três temporadas do desenho animado *Irmão do Jorel*, acreditamos que foi possível demonstrar a abrangência e relevância tanto das ideias do filósofo renascentista quanto da animação contemporânea. A articulação temática entre ambos somente foi possível porque, por um lado, as ideias filosófico-educacionais montaignianas são tão vastas que conseguem abranger séculos à frente de seu tempo original e; por outro, porque a despeito da aparente simplicidade e comicidade na abordagem de temas cotidianos, particularmente da infância do personagem principal, a animação *Irmão do Jorel* consegue tratar com seriedade e leveza assuntos que são de interesse universal.

A partir dos novos formatos midiáticos de narração, é possível acessar e se apropriar de muitas informações. Todavia, são raras as oportunidades dadas ao telespectador para ir além da identificação

que a mídia contemporânea projeta na personalidade das pessoas, principalmente quando se trata de desenhos animados infantis que, não obstante, também atuam como elementos marcantes do imaginário dos sujeitos dos séculos XX e XXI (FERNANDES, 2012). A diferença é que, animações como *Irmão do Jorel* não são impositivos no sentido de querer formar a mentalidade de quem assiste, mas sim, constituem um convite à reflexão autônoma. Isto é, permite que após assistir determinados episódios, possa ponderar e chegar por si próprio a algumas conclusões. Como o filósofo disse certa vez, o indivíduo: “[...] transformará os elementos emprestados de outro e os fundirá para fazer uma obra toda sua, a saber, seu julgamento, sua educação, seu trabalho e seu estudo, que só visam a formá-lo. Que esconda tudo a que recorreu e só exiba aquilo que fez” (MONTAIGNE, 2010, p. 94). Isto posto, a formação educacional basear-se-ia não na pura mimetização formal, mas, sim, na capacidade de transformação em novidades que cada infante tem de desenvolver, através da imaginação e da interpretação únicas, novo conhecimento.

Diante do exposto, *Irmão do Jorel* se mostrou como um recurso exemplar para descrever as ideias céticas de Montaigne sobre a educação infantil, a cultura e outros temas, não apenas por tratar-se de um menino de oito anos de idade como protagonista, mas também por apresentar e discutir os temas abordados de modo não-dogmático.

Referências

ARAÚJO, Sérgio G. de. Literatura Fundamental 23 - Os ensaios, de Montaigne, com Sérgio Xavier Gomes de Araújo. *YouTube*, 03 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=R-Bfc-J5_2Tw>. Acesso em 03 out. 2019.

FERNANDES, Adriana H. *As Crianças e os Desenhos Animados: mediações nas produções de sentidos*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2012.

IRMÃO DO JOREL - 2ª Temporada, Episódio 28. In: *Galáxia Cartoon* (YouTube). 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rjxcQosNk8M>>. Acesso em: 29 out. 2019.

IRMÃO DO JOREL - 2ª Temporada, Episódio 35. In: *#bora2k* (YouTube). 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fCnnYmuEAva>>. Acesso em: 29 out. 2019.

IRMÃO DO JOREL - 3ª Temporada, Episódio 61. In: *Cn Cartoon* (YouTube). 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S64-Y3RY7XM>>. Acesso em: 29 out. 2019.

MARQUES, Diego. 'Irmão do Jorel' vence prêmio de Melhor Animação ibero-americana. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/04/12/interna_diversao_arte,749144/premio-irmao-do-jorel.shtml>. Acesso em: 06 out. 2019.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios: uma seleção*. Organização de M. A. de Screech; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. Sobre a educação das crianças. In: _____. *Os Ensaios: uma seleção*. Organização de M. A. de Screech; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 84-130.

MONTAIGNE, Michel de. Sobre os canibais. In: _____. *Os Ensaios: uma seleção*. Organização de M. A. de Screech; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 139-157.

MONTAIGNE, Michel de. Sobre a afeição dos pais pelos filhos. In: _____. *Os Ensaios: uma seleção*. Organização de M. A. de Screech; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 234-260.

NOVA ESCOLA. *Michel de Montaigne: o investigador de si mesmo*. São Paulo: Abril, 2008. p. 29-31.

THEOBALDO, Maria C. Montaigne e a educação em 'nova maneira'. *O que nos faz pensar*, v. 19, n. 27, p. 237-255, maio 2010. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnpf/article/view/307>>. Acesso em: 06 out. 2019.